

A COVID ROUBA HUMANIDADE E CONDICIONA A ESPIRITUALIDADE¹

COVID steals humanity and conditions spirituality

José Brissos-Lino^(*)

Resumo

A pandemia tem afetado a sociedade de forma transversal, de diversas maneiras e em todos os sentidos, mas não há dúvida de que são as crianças e adolescentes, os doentes e os idosos quem paga a maior fatura. A juventude é a embriaguez sem vinho, dizia Goethe, mas quando o vinho está azedo a embriaguez passa a doença. A recorrência das crises, os surtos pandémicos e a falta de horizontes podem estar a criar uma geração perdida. A pandemia afetou as populações tanto na vertente individual como na coletiva. Isso inclui o fenómeno religioso e a espiritualidade urbana, embora ainda não saibamos a exata medida em que os influencia e como.

Palavras-chave: Doentes. Jovens. Pandemia. Saúde. Sociedade.

Abstract

The pandemic has affected society across the board, in different ways and in all directions, but there is no doubt that it is children and adolescents, the sick and the elderly who pay the biggest bill. Youth is drunkenness without wine, said Goethe, but when wine is sour, drunkenness becomes disease. Recurrence of crises, pandemic outbreaks and lack of horizons may be creating a lost generation. The pandemic affected populations both individually and collectively. This includes the religious phenomenon and urban spirituality, although we do not yet know exactly to what extent it influences them and how.

Keywords: Patients. Young. Pandemic. Health. Society.

Não são apenas os confinamentos que introduzem fatores de perturbação na vida e desenvolvimento das crianças e adolescentes, que vão perdendo competências sociais, físicas e cognitivas todos os dias. Também os doentes hospitalizados deixaram de poder contar com o apoio de humanização prestado pelos corpos de voluntariado na saúde.

Os mais de 6 mil voluntários que prestam serviço nos hospitais de Portugal – vulgo “batas amarelas” – ficaram impedidos de entrar naquelas unidades de saúde por serem considerados grupo de risco, uma vez que são maioritariamente cidadãos reformados e com mais de 65 anos. Deste modo os doentes não-Covid perderam a oportunidade de contar com algum tipo de acompanhamento não profissional.

Segundo o testemunho de um voluntário: *“Há muitos doentes pura e simplesmente abandonados à sua sorte nos hospitais, sem atenção, sem carinho, sem aquele elo fundamental de humanidade que faz toda a diferença para quem está em*

^(*)Doutor em Ciências da Religião pela FTCHAL, São Paulo, SP. Professor e investigador associado na Universidade Lusófona (FCSEA, Área de Ciências da Religião) onde coordena o Instituto de Cristianismo Contemporâneo (ICC). Lisboa/ Portugal. Área de atuação: cristianismo.

situação de doença grave, muitas vezes só, ou com a família distante. E a culpa não é dos profissionais de saúde — médicos, enfermeiros, assistentes operacionais —, que não têm mãos a medir.” Perdeu-se assim um elo vital para os doentes não-Covid e receia-se que o futuro deste tipo de voluntariado possa mesmo estar comprometido.

Desde o apoio humano prestado aos doentes nas enfermarias, no trato personalizado, na disponibilização de revistas para ler, no suporte dado aos profissionais, no café com leite e bolachas oferecido aos utentes nas consultas externas, os quais muitas vezes saem de casa de madrugada e sem nada no estômago, à atenção e apoio dados aos doentes em tratamento ambulatorio, mormente nos serviços oncológicos, a função do voluntariado hospitalar é um contributo social e humanitário importantíssimo num serviço nacional de saúde com défice crónico de profissionais.

Compreende-se a preocupação em proteger estes cidadãos de contágio viral da Covid-19, mas a decisão não teve em conta as necessidades dos doentes. Imagino até que parte destes voluntários ou suas famílias terão receado o quadro pandémico e tomado a decisão de suspender a sua atividade, pelo menos temporariamente.

Coisa idêntica estará a suceder com as universidades seniores um pouco por todo o país. Tais espaços de socialização, de desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo, foram praticamente suspensos e apenas uma ínfima parte dos alunos terão aderido a aulas *online*, uma vez que a vertente essencial deste tipo de atividade passa pelas relações interpessoais nas aulas mas também em passeios, visitas e viagens de estudo e convívios.

Estamos, portanto, perante um tempo novo que não apenas está a destruir o que de bom se conseguiu ao longo das últimas décadas, mas face a uma situação que contribui para que os indivíduos vivam vidas mais solitárias, vulneráveis e suscetíveis de distúrbios emocionais, que agravará decerto o panorama da saúde mental das populações mais idosas. A falta de estímulos e desafios, o peso da solidão e a ausência de calor humano apresentarão uma fatura pesada.

Quando se estuda a história dos núcleos humanos entende-se que do clã se passou à família multigeracional, que incluía filhos, pais e avós, e desta à bigeracional, composta por pais e filhos, sendo que agora os avós vivem sozinhos e os filhos cada vez mais afastados dos pais, já para não falar na progressiva desestruturação familiar, causa

de tantas famílias disfuncionais. E não nos iludamos com os amigos virtuais, tipo *Facebook*, que não respondem às necessidades sociais intrínsecas ao ser humano.

Podemos perder alguma saúde, alguma economia, mas que não se perca a dignidade de cada um e a humanidade que deve presidir às relações sociais, em especial para com os mais fracos e vulneráveis.

Espero bem que, passada esta onda pandémica, a aproximação social regresse em força, pois se os apertos de mão, beijos e abraços fazem tanta falta, são ainda um garante desta nossa humanidade partilhada a qual, apesar de todas as dificuldades e conflitos potenciais em qualquer universo coletivo, constituem uma expressão visível e genuína da condição humana.

1 EMBRIAGUEZ SEM VINHO

As perturbações mentais estão presentes nas populações em geral e nos jovens em particular. As razões deste quadro devem-se a uma multiplicidade de fatores, desde influências genéticas e famílias disfuncionais ao abuso de álcool e substâncias químicas, passando pela falta de horizontes profissionais e fatores resultantes do tipo de vida, indutores do desequilíbrio emocional.

Em Inglaterra aproximadamente um em cada sete adolescentes apresenta um transtorno de saúde mental. Essa problemática de saúde pública é normalmente combatida através do aconselhamento escolar, visto que a cultura anglo-saxónica tem uma tradição de *counselling* aplicado a diversos contextos de vida.

Este tipo de ação surgiu em particular desde o final da II Guerra Mundial, ocasião em que se tornou premente a necessidade de dar apoio psicológico às populações, às famílias atingidas pela desgraça e aos combatentes regressados dos teatros de guerra, cuja existência tinha sido abalada por anos de um conflito avassalador que deixou atrás de si legiões de mortos, feridos, devastação e destruição económica.

A revista científica *The Lancet* dá conta de um estudo recente, financiado pelo *Economic and Social Research Council*, que procura encontrar formas eficazes de lidar com o problema da saúde mental dos adolescentes, a qual continua a ser uma prioridade política. A ideia era determinar a eficácia e o custo-eficácia do aconselhamento humanístico baseado na escola para o tratamento do sofrimento psicológico dos jovens.

Foram estudadas dezoito escolas do ensino secundário financiadas pelo Estado em toda a área metropolitana de Londres, e revelavam níveis relativamente altos de privação social e diversidade étnica.

Os participantes foram alunos com idades na faixa 13-16 anos, que tinham níveis moderados a graves de sintomas emocionais, mas excluíram-se do estudo os alunos que não frequentavam regularmente a escola, assim como jovens em risco de provocarem danos graves a terceiros ou autoinfligidos e também os que já estavam a receber intervenção psicológica, circunstância que não permite uma leitura generalizada do estudo a adolescentes com os problemas de saúde mental mais graves.

O estudo sugere algumas pistas na condução das políticas de saúde mental neste contexto, concluindo que o aconselhamento humanístico funciona mas não é inteiramente eficaz, e adianta que quando é acompanhado pelo aconselhamento pastoral potencia a eficácia do tratamento. Em estudos anteriores definiu-se que as escolas representam um ambiente excelente para pesquisas de alta qualidade em saúde mental, pelo que os investigadores sugerem uma avaliação rigorosa dos modelos alternativos no contexto das escolas no Reino Unido, a fim de apoiar as decisões mais adequadas sobre a combinação de serviços no atendimento a crianças e jovens no âmbito da saúde mental.

A nível internacional 85% dos pais identificaram alterações no estado emocional e comportamental dos seus filhos durante as quarentenas a que a pandemia obrigou, em especial dificuldades de concentração, irritabilidade, agitação, nervosismo e sentimentos de solidão. Entretanto um outro estudo da revista científica *The Lancet Psychiatry* com 230 mil indivíduos avança que a pandemia pode causar uma onda de problemas mentais e neurológicos sérios, uma vez que foi diagnosticado a uma em cada três pessoas que recuperaram da Covid-19 doença neurológica ou psiquiátrica até seis meses depois de terem contraído a infeção.

Um estudo dedicado aos efeitos da pandemia na população adolescente em Portugal, que se encontra em vias de publicação, adianta que, na faixa dos 16-17 anos de idade, 47,1% dos inquiridos relataram algum impacto psicológico da pandemia e 25,6% relataram que o impacto psicológico foi grave. Os níveis de depressão, ansiedade e stresse, assim como o impacto psicológico foi significativamente maior nas raparigas, tendo os rapazes apresentado mais dificuldades nos níveis de ansiedade mais elevados.

Todavia não parece existirem estudos atualizados sobre os resultados do trabalho desenvolvido pelos psicólogos nas escolas públicas portuguesas.

Espera-se que surjam novos estudos sobre o impacto emocional e comportamental da Covid-19 nas crianças, adolescentes e jovens portugueses, que permitam identificar os indivíduos em risco, desenvolver estratégias adequadas com vista à promoção da saúde mental das novas gerações e a prevenir patologias.

Goethe dizia que a juventude é a embriaguez sem vinho, mas quando o vinho está azedo passa a ser doença.

2 COMO A COVID-19 MEXE COM A PRÁTICA RELIGIOSA

Um estudo recente da *Barna* (criada em 1984, pesquisa tendências culturais relacionadas com valores, crenças, atitudes e comportamentos), a partir de dados recolhidos entre Abril e Maio de 2020, permite algumas conclusões sobre a frequência dos serviços religiosos nos EUA face à COVID-19.

Dos que se identificam como cristãos praticantes, que consideram a fé importante na sua vida, e que frequentavam as celebrações da sua comunidade de fé, antes da Covid-19, mais de metade (53%) afirmam ter assistido regularmente ao culto *online*. Outros 34 por cento admitem ter feito *streaming* de um serviço religioso diferente. Mas cerca de um terço dos cristãos praticantes (32%) diz não ter assistido a qualquer serviço religioso durante o confinamento. Embora parte desses fiéis integrassem uma minoria de congregações que ainda reuniam presencialmente, parece que representam um grupo que abandonou a sua comunidade pelo menos transitoriamente.

Embora alguns respondentes tenham declarado assistir ao culto *online* tanto da sua comunidade como de outras, a maioria permaneceu ligada à sua igreja original. Os que frequentavam regularmente a mesma comunidade de fé antes da pandemia são significativamente mais propensos à fidelização do que aqueles que mudavam regularmente de igreja (81% para 65%). Muito poucos mudaram de igreja durante a pandemia (14%). É mais provável terem suspenso a frequência por completo durante este período (32%).

A pesquisa permite verificar um padrão geracional muito claro nos grupos de frequentadores de serviços religiosos na internet. Metade da geração dos *milenials* deixou de os frequentar (50%), assim como 35% da geração X e 26% dos *boomers*.

Note-se que os grupos dos idosos e dos *boomers* em conjunto representam mais da metade da população cristã praticante nos Estados Unidos (56%). Embora as gerações jovens estejam mais adaptadas às rotinas e inovações digitais, a sua fraca relação com as instituições parece confirmar-se durante a era da igreja digital.

O estudo conclui que entre os cristãos praticantes que diminuíram ou interromperam completamente a frequência digital ao culto, o florescimento individual é mais limitado e carregam mais cargas emocionais. Quem manteve a ligação *online* à sua comunidade durante a pandemia tem mais probabilidades de concordar com a afirmação “Não estou ansioso com a minha vida, porque tenho a paz interior de Deus” (87%), contra 76% dos que interromperam. Já os cristãos praticantes que pararam de frequentar a igreja são mais propensos do que os outros a dizer que se sentem constantemente entediados (17% contra 6%) ou que se sentiam inseguros (11% contra 7%).

Todavia, a maioria dos fiéis, mesmo os que suspenderam a assistência regular aos cultos durante a pandemia, desejam o apoio de uma comunidade de fé. Por todo o país os cristãos praticantes buscam “oração e apoio emocional” (68% dos que mudaram de igreja durante o COVID-19 e 52% dos que permaneceram na mesma igreja) e “uma mensagem de esperança e encorajamento centrada na Bíblia” por parte da sua igreja (44% dos que permaneceram na mesma igreja, 35% todos os outros cristãos praticantes). Os investigadores detetaram ainda o grupo dos que antes da COVID-19 não frequentavam a igreja e o fazem agora via *online*, durante a pandemia, mas não o consideraram estatisticamente significativo.

A verdade é que um de cada três cristãos praticantes americanos parou de frequentar a igreja durante a COVID-19, apesar da evidência de que a comunidade de fé exerce um efeito integrativo do ponto de vista social, de estabilização emocional e promove o encorajamento e a esperança dos indivíduos.

Curiosamente, as gerações mais novas apresentaram mais dificuldades na substituição das celebrações presenciais pelas *online*, eventualmente devido a uma maior necessidade gregária.

Está em curso um estudo semelhante sobre a realidade portuguesa mas uma das evidências verificadas desde já é que os serviços religiosos na internet alcançam um auditório muito mais vasto do que as reuniões físicas alguma vez conseguiriam. E

provavelmente isso contribui para contornar o velho preconceito de ser visto a entrar numa igreja não católica, que ainda pesa na mentalidade portuguesa e inibe muitos de se disporem a tal, embora não o confessem e apesar da sociedade portuguesa caminhar para uma maior heterodoxia religiosa, de ação.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Carlos. **O Fim da Guerra Fria a Trump e à COVID-19:** As promessa traídas da ordem liberal. Lisboa: ed. Colibri, 2020.

LENOIR, Frédéric. **Viver num mundo imprevisível.** Lisboa: Quetzal, 2021.

MINEIRO, Daniel & PINTO, Paulo Mendes (Org.). **Persona Pandémica:** Investigação sobre a noção de identidade no pós-COVID-19. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2021.

(Recebido em outubro de 2021; aceito em novembro de 2021)